

# No Brasil, computador mais caro e ultrapassado

Pesquisa mostra que preço no país é até 166% maior que nos EUA

Pablo Jacob

Prestes a se tornar o terceiro maior mercado mundial de computadores, o Brasil ainda vende desktops e notebooks (laptops) ultrapassados tecnologicamente em relação a países como os Estados Unidos e, ainda assim, muito mais caros. Com a pesada carga tributária no país, multinacionais do setor de informática, como Sony, Lenovo, HP, Samsung e Dell, optam por lançar no mercado brasileiro, na maioria dos casos, versões "tropicalizadas", com processadores (que conferem velocidade aos equipamentos) menos potentes e memórias menores em relação ao vendido em nações ricas.

Mesmo "antigos", os modelos brasileiros são bem mais caros que os "top" de linha vendidos nos EUA. Levantamento feito pelo GLOBO com 30 produtos, de seis marcas globais, constatou valores muito maiores em todos os casos. Em uma das comparações, o preço pago pelo brasileiro é 166% mais alto que o cobrado do americano. Do outro lado, os fabricantes reagem. Dizem que no Brasil falta escala de produção — já que a renda média no país ainda é baixa —, o que é essencial para reduzir o custo dos produtos. Especialistas também culpam a elevada carga tributária que varia de 24,3% a 33,6% do valor computador no ponto de venda, além dos custos altos da mão de obra, como os encargos da folha de pagamento.

Analistas e advogados que atuam no setor ressaltam que os fabricantes embutem sua margem de lucro. Segundo eles, no caso de notebooks ela chega a 10%. Porém, afirmam que a diferença nos preços entre os mercados brasileiro e americano já foi maior. Eles citam a Lei do Bem, que reduziu a cobrança de impostos para modelos de computadores.

— No Brasil, há uma série de tributos. Como a maioria das empresas monta os produtos no país, têm de importar as peças, pagando impostos de importação. Há ainda a logística de entrega e os investimentos em segurança. Por isso, é necessário tropicalizar os computadores e notebooks. Se trouxer o que há de melhor, ficará tão caro que ninguém vai comprar. Esse cenário só mudaria se o governo investisse em uma política de desenvolvimento de semicondutores. Com isso, haveria criação de tecnologia no Brasil e se passaria a produzir aqui, deixando os produtos mais em conta — explica Luciano Crippa, gerente de Pesquisa da consultoria IDC.

Por enquanto, o consumidor é quem sofre. Conforme o levantamento do GLOBO, um laptop da HP, por exemplo, com processador Intel Core i5, 4 giga (GB) de memória interna e 640GB de disco rígido, é vendido nos EUA por R\$ 1.124,22, já com impostos. No Brasil, um similar, mas com 500GB de disco rígido, sai 166,76% mais caro (R\$ 2.999). No caso de modelos iguais, a mesma constatação. Enquanto o laptop da Samsung Serie 9 é vendido a R\$ 2.774,46 nos EUA, no Brasil o preço é R\$ 4.749,05 — 71,17% maior.

Pedro Serejo, que comanda a empresa de eventos Blast, conhece bem as diferenças entre os dois mercados. Ele reclama que o Brasil sempre fica atrás quando o assunto é tecnologia em computadores.

— Estou pesquisando um novo laptop, pois preciso de algo moderno e com boa capacidade. O meu atual já está velho. Nos EUA, há mais opções a preços menores — afirma Serejo.

O presidente do Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT), João Eloi Olenike, explica que os tributos respondem por 24,3% do valor dos computadores com preços até R\$ 3 mil comercializados no varejo do país:

— Dentro desses 24,3% há tributos como PIS/Cofins, ICMS, além de Imposto de Importação e Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

## ‘Máquinas daqui não são mais atrativas nos EUA’

• Como os itens são caros, o consumidor brasileiro, em geral, faz a sua escolha de acordo com os preços, afirmam fabricantes. Eles ressaltam que a maior parte dos clientes não leva em conta o processador e a memória na hora da compra. Segundo Crippa, gerente da IDC, um laptop com 2 GB de memória interna, considerado obsoleto nos EUA, representa a maior parte das vendas no Brasil. O mesmo ocorre com as gerações mais antigas de processadores.

— As máquinas vendidas aqui não são mais atrativas para os EUA, onde os consumidores são maduros. Enquanto no Brasil grande parte ainda está comprando o primeiro laptop, o americano já está no terceiro e no quarto — afirma Crippa.

Segundo Jaison Patrocínio, diretor de Produtos da Lenovo, o poder aquisitivo do brasileiro e suas necessidades são essenciais na hora de definir os lançamentos. Por isso, os modelos de laptops mais vendidos no Brasil são os com memória interna de 320GB. Nos EUA, as vendas estão concentradas em itens acima de 500GB.

— O Brasil não está atrás de oferta, mas, sim, de demanda. Nos EUA, 80% (dos consumidores) querem tecnologia atual. No Brasil, o número oscila entre 30% e 40%. Vemos muitos concorrentes fazendo ofertas com produtos de até quatro gerações passadas — diz Jaison, ressaltando que alguns dos modelos vendidos hoje nos EUA chegarão ao Brasil em breve.

O país este ano irá superar a Inglaterra em venda de computadores (ficando apenas atrás de EUA e China). Espera-se uma alta de 30,6% na venda de notebooks este ano, para 8,1 milhões, e de 2,6% para desktops, com 7,7 milhões. Mesmo adquirindo importância crescente, Willen Puccinelli, gerente de Produto da linha Vaio, da Sony, ressaltou que ainda é preciso muito avanço no



PEDRO SEREJO, empresário: "Estou pesquisando um novo laptop, pois preciso de algo moderno. O meu atual já está velho. Nos EUA, há mais opções a preços menores"

Editoria de Arte

## PESO MAIOR NO BOLSO

### DIFERENÇA NOS PREÇOS

(Modelos iguais - em R\$)

	Nos EUA	No Brasil	Variação
<b>Dell</b> Laptop Dell (Novo Inspiron 14R) Intel Core i3 Memória interna de 4GB Disco rígido de 500GB	870,63	2.099	+141,09%
<b>Dell</b> Laptop Dell (Novo Inspiron 15R) Intel Core i3 Memória interna de 4GB Disco rígido (HD) de 500GB	921,35	1.999	+116,96%
<b>Apple</b> (iMac) Memória interna de 4GB Tela com 21,5 polegadas Disco rígido de 500GB	2.027,03	3.999	+97,28%
<b>Apple</b> (MacBook Air) Memória interna de 2GB Disco rígido de 64GB Tela com 11 polegadas	1.688,91	3.099	+83,49%
<b>Samsung</b> Laptop Samsung (Série 9) Intel Core i5 Memória interna de 4GB Disco rígido de 128GB	2.774,46	4.749,05	+71,17%
<b>Samsung</b> Laptop Samsung Intel Core i3 Memória interna de 3GB Disco rígido de 500GB	955,16	1.614,05	+68,98%

Nos EUA, os produtos são mais potentes e baratos em relação a similares (com tecnologia mais atrasada) no Brasil

(Todos com memória interna de 4GB, sendo que o disco rígido é de 640GB nos EUA e de 500GB no Brasil)

	Nos EUA	No Brasil	Diferença
Laptop HP Intel Core i5	1.124,22	2.999	+166,76%
No Brasil, AMD Phenom II Dual Core Laptop Sony Vaio Intel Core i3	1.354,12	2.706,55	+99,88%
No Brasil, AMD Athlon (HD de 320GB) Laptop Acer Aspire Intel Core i5	1.039,69	1.424,05	+36,97%

Obs: A pesquisa não levou em consideração o tamanho das telas, pois, segundo os fabricantes, o padrão de consumo é diferente. Nos EUA, a maior parte dos modelos vendidos tem tela acima de 15 polegadas. No Brasil, abaixo de 14 polegadas. Fontes: Fabricantes e redes de varejo

Brasil. Por isso, completa, o foco é outro:

— Nem todos os mercados conseguem ter o mesmo tipo de uso. Aqui se paga muito imposto. Quando há algum produto muito sofisticado, ficamos impedidos de trazer porque o valor chegará muito alto para o consumidor. Por isso, os produtos passam por ajustes de configuração — esclarece, lembrando que, em julho, a empresa trará novos itens na faixa dos R\$ 2 mil.

Fabiano Takahashi, diretor da unidade de Computadores Corporativos da HP, faz coro às declarações de Puccinelli, da Sony. O executivo ressaltou também que o Brasil tem necessidades específicas, já que a maior parte da população ainda está no primeiro computador:

— A demanda aqui é simples. Eles querem acesso à internet e não recursos mais sofisticados. Mas o mercado é promissor.

Otimista, Raymundo Peixoto, presidente da

Dell Brasil, diz que já percebe uma tendência de alta nas vendas de itens mais sofisticadas.

— O preço aqui é importante. Mas não é mais o único item. Nos EUA, há mais opções de produtos por já haver consumidores mais experientes — diz, ao ser perguntado por que nem todos os itens à venda nos EUA são encontrados no Brasil.

A Samsung, endossa Ricardo Dominguez, gerente da área de Notebooks, lança itens no Brasil cobrindo todas as faixas de preço. Embora os modelos de entrada tenham um volume maior de vendas (com 2GB de memória interna e 320GB de disco rígido), os modelos com maior capacidade têm registrado aumento nas vendas.

— Nos EUA, o mercado é de 15 polegadas, pois eles preferem tamanho maior de tela. No Brasil, opta-se por telas menores, pois o brasileiro não quer peso. Não é que o país receba coisas antigas. É que há diferenças entre os dois países — diz.

## Após reserva de mercado, Brasil mantém a mais alta tarifa de importação: 35%

Política encerrada em 1992, que proibia importações, dificultou transferência de tecnologia

Eliane Oliveira

• BRASÍLIA. Duas décadas após o fim de uma reserva de mercado na qual era completamente proibido importar bens de informática, o que resta do arcabouço legal que protegia a indústria nacional é a tarifa de importação de 35% para produtos acabados. É a taxa mais elevada permitida pela Organização Mundial do Comércio (OMC) para manufaturados, aplicada pelo governo a setores "sensíveis", como eletroeletrônico, automotivo e telecomunicações.

Essa política, instituída em 1984 e encerrada em 1992, deixou o Brasil para trás em termos de transferência e absorção de tecnologia em montagem microeletrônica, arquiteturas de hardware e desenvolvimento de software. O fim da reserva total permitiu, entre outros benefícios, o livre acesso da mão de obra especializada a recursos laboratoriais de ponta.

Mesmo com essa relativa liberalização, o consumidor brasileiro ainda precisa contar com fornecedores locais, a menos que importe os produtos e recolha o imposto da compra. Sem condições de competir com os importados, devido à elevada carga tributária, o país ganhou, há alguns anos, uma nova política de informática, que prevê a isenção ou a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e do PIS/Cofins, entre outros tributos. Isso barateou o computador pessoal.

O consultor Welber Barral, ex-secretário de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, explicou que o setor de informática poderia ser mais aberto se o Brasil tivesse assinado, em 1998, um acordo na OMC que prevê tarifa zero no comércio de bens acabados. Por outro lado, ele lembrou que o real valorizado frente ao dólar acaba compensando, em parte, o imposto recolhido na importação.

— Somos favoráveis à abertura do mercado, mas precisamos nos proteger de práticas ilegais de comércio — afirmou o diretor da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Roberto Giannetti da Fonseca.

À exceção da Zona Franca de Manaus, onde a importação de insumos é praticamente livre de impostos, no restante do país as alíquotas aduaneiras do setor variam de 12% a 14%.

Além dos benefícios tributários, há instrumentos de crédito — com recursos do BNDES, do FGTS e de fundos vinculados ao PAC, por exemplo — para financiar investimentos com juros reduzidos. Em troca, o governo estuda aumentar o nível de exigência das empresas, como a expansão dos índices de nacionalização e a transferência de tecnologia. Isso porque o Brasil se tornou um dos principais mercados para produtos de informática. ■